

Heráclito de Éfeso

Heráclito nasceu em Éfeso, Ásia Menor, no século VI a.C. Foi crítico da tradição literária e da religião. Desprezava a multidão e os falsos sábios (Cf. MONDIN, 2002, p. 26). Segundo sua teoria, tudo que existe é um “vir-a-ser”, um movimento. Costumava dizer que ninguém podia banhar-se duas vezes no mesmo rio, porque ele muda e corre, transformando-se continuamente. Nesse breve relato reside a teoria do *devir* heraclitiano: tudo corre, tudo flui. Trata-se de um *panta-rei*, de um movimento do ser que, sendo, vem a ser outra coisa diferente do que é. Para Heráclito, “a substância primeira é o fogo, a menos consistente, a que mais facilmente se transforma” (MARÍAS, Julian. 2004, p. 31). O mundo é um constante fogo que se transforma. E as coisas no mundo têm origem no conflito, nos contrários.

Entretanto, a norma que regula os conflitos, que dá harmonia aos contrários, chama-se razão. Ela é o *logos*, ou seja, o pensamento universal. A razão, para Heráclito, não é transcendente, nem está fora do mundo. Ao contrário: o *logos* é imanente, está nas coisas, confundindo-se, inclusive, com Deus.

O que faz Heráclito se diferenciar dos outros pré-socráticos é o fato de ele constatar que o *devir* é sempre fruto da luta entre os opostos. O ser é, essencialmente, uma unidade na polaridade. A harmonia do ser, mediada pela razão, se expressa na harmonia dos contrários (noite/dia; unidade/multiplicidade; identidade/diferença), embora nem todas as pessoas o saibam. Para Heráclito, a razão (que é imanente, mas ao mesmo tempo divina) é o critério da verdade.

Por isso, o homem deve buscá-la. Sua meta é construir sua existência sob o alicerce da racionalidade, o correto pensar. Para assim viver, o homem deve evitar o excesso de confiança nos sentidos. A vida na razão é um permanente estado de vigília, é um estar acordado, atento aos enganos que provém dos sentidos. Portanto, os homens racionais devem ajudar os que estão dormindo no leito da irracionalidade. É compromisso de quem vive a vida na razão acordar aqueles que confiam demasiadamente nas pseudo-verdades dos sentidos, das opiniões. Aqui temos um preceito ético heraclitiano. É compromisso do filósofo ser educador, levar as luzes da razão para aqueles que não a possuem.

Só é feliz, bom e sábio aquele que edifica sua vida sob o alicerce do *logos*. Essa empreitada não é fácil. Exige do homem que conheça a si mesmo, para então buscar a verdade das coisas. A isso Heráclito chama de “via ascendente do logos”. Somente cresce nessa via quem se afasta do prazer e do erro, das paixões e das opiniões para ascender ao *logos*, à verdade oriunda da razão. Nisso consiste a suprema virtude.

Para Heráclito, “todo homem é responsável por seu próprio destino porque é ele quem decide seguir a via ascendente da verdade ou via a descendente” (MONDIN, 2002, p. 27), aquela das paixões e do erro. Entretanto, quem escolher a via da verdade, no momento da morte, unir-se-á ao fogo eterno.

Não há dúvidas que a teoria de Heráclito marcou uma mudança fundamental no pensamento grego. Porém, por mais importante que seja essa vertente do pensamento grego, é limitada. Explicita a existência do devir, constata a presença de forças contrárias e aborda com veemência a importância da vida na razão. Mas não explica a origem nem os pressupostos possíveis e imutáveis do devir e da vida na razão. Portanto, depois de Heráclito, há de se pensar ou descobrir novas formas de conceber a origem e o surgimento do Ser. Será tarefa de Parmênides enveredar por esses caminhos.

Bibliografia

RESENDE, Antonio. Curso de Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, editor. 2002.

MONDIN, Battista. Curso de Filosofia Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2002.

ZILLES, Urbano. Teoria do Conhecimento e Teoria da Ciência. São Paulo: Paulus, 2005.

MARÍAS. Julian. História da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.